

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

RAFAEL DE ARAÚJO MELO

O QUE RIMA COM A PALAVRA “NEGRO”?

Uma análise do discurso sobre o racismo no Cordel “A Revolta dos Pretos” de Manoel Monteiro e a aplicação na educação

CAMPINA GRANDE

2012

RAFAEL DE ARAÚJO MELO

O QUE RIMA COM A PALAVRA “NEGRO”?

Uma análise do discurso sobre o racismo no Cordel “A Revolta dos Pretos” de Manoel Monteiro e a aplicação na educação

Trabalho acadêmico apresentado à Universidade Estadual da Paraíba como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em jornalismo.

CAMPINA GRANDE

2012

M528q Melo, Rafael de Araújo.
O que rima com a palavra “Negro”? Uma análise do discurso sobre o racismo no cordel “ A revolta dos pretos” de Manoel Monteiro e a aplicação na educação. [manuscrito]. / Rafael de Araújo Melo . – 2012.
30 f.: il. Color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social - Jornalismo) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, 2012.

“Orientação: Prof. Msc. Hipólito de Sousa Lucena, Departamento de Comunicação Social”.

1. Literatura de Cordel 2. Preconceito 3. Raça I. Título.

21. ed. CDD 398.5

RAFAEL DE ARAÚJO MELO

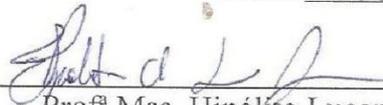
O QUE RIMA COM A PALAVRA “NEGRO”?

Uma análise do discurso sobre o racismo no Cordel “A Revolta dos Pretos” de Manoel Monteiro e aplicação na educação

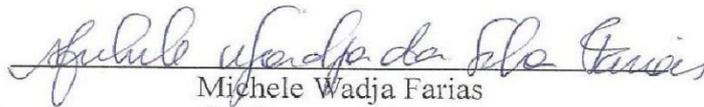
Trabalho acadêmico apresentado à Universidade Estadual da Paraíba como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em jornalismo.

Campina Grande, 09/07/2012.

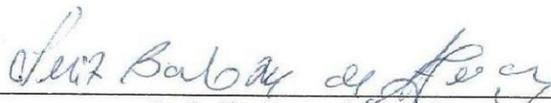
Nota: 9,5



Prof^o Msc. Hipólito Lucena
Orientador (Prof. da UEPB)



Michele Wadja Farias
Professora da UEPB



Luiz Barbosa de Aguiar
Professor da UEPB

Campina Grande
2012

Dedico este trabalho a quem me deu alegria, a quem sempre foi meu guia e sempre esteve ao meu lado. Seria de muito mal grado se não dedicasse aos meus pais, componentes colossais na formação deste homem e dedico a outro nome: Deus. Esses são os principais.

AGRADECIMENTOS

A gratidão é a prova do desprendimento, da modéstia e da humildade. Deste modo, o meu agradecimento é bem simples e direto, pelas pessoas que hoje se formam por mim. Agradecer a paciência dos meus pais e ao acompanhamento de todos os dias. Eles depositavam rotineiramente as esperanças que o mundo lhes arrancou em mim. Foi na ânsia de orgulhá-los que não desisti um só momento e fiz tudo com o maior zelo e empenho possível. Era para Ronaldo de Oliveira Melo e Célia Maria de Araújo Melo que eu retornava sempre que alguma porta sem piedade se fechava. As minhas irmãs estavam sempre à minha espera depois de um dia exaustivo e impiedoso.

Agradeço a todos os meus amigos indistintamente, àqueles que me ajudaram no trabalho e aos que me ajudaram na vida e, conseqüentemente, na minha formação. O agradecimento maior, claro, é a Deus. E a única justificativa que uso é que nada disso existiria se não fosse por ele. Sou grato, principalmente, pela minha vida.

RESUMO

O trabalho discute a imagem apresentada da raça negra através da Literatura Popular de Cordel, tendo como recorte os versos do poeta pernambucano Manoel Monteiro. É uma análise não somente da apresentação da raça, mas também da interpretação acerca da problemática que envolve as questões de preconceito com os negros, já que a proposta ideológica do poeta é a de quebrar os paradigmas os preconceitos para com os afro-brasileiros. Utiliza como meio metodológico a análise de discurso para identificar os elementos que retratam o assunto analisado, de forma imparcial, relacionando os aspectos culturais e históricos que interpõem o discurso. Por fim, tem a intenção de demonstrar as novas facetas do cordel e sua função educacional.

Palavras-chave: Literatura de Cordel; Preconceito; Raça; Imagem; ensino.

ABSTRACT

The study discusses the image presented by the black race Literature of Cordel, focusing the verses of the poet Manoel Monteiro. It is a analyse not only the presentation of the race, but also the interpretation about the problem that involves issues of prejudice against the race, as the poet's ideological proposal is to break the paradigms prejudices towards african-Brazilians. Used as a meansof discourse analysis methodology to identify the elements that portray the subject analyzed, impartially, relating the cultural and historical aspects that interpose the speech. Finally, it is intended to demonstrate new facets of the string and its educational function.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	09
2 A LITERATURA DE CORDEL	11
3 O NEGRO NO CORDEL	12
4 O NEGRO DE MANOEL MONTEIRO	13
5 CORDEL NA SALA DE AULA.....	23
6 CONCLUSÃO.....	25
REFERÊNCIAS	26

1. INTRODUÇÃO

A Literatura de Cordel vem sendo apreciada em todas as áreas do conhecimento humano. A sociedade a aceitou não só como produto cultural, mas como meio de exposição de vivências de um povo, faz parte da cultura nordestina no seu sentido amplo e irrestrito. É bem verdade que o Nordeste já entrou de vez na era digital, mas a preservação da cultura regional passa diretamente pelo uso da oralidade, dos contos e causos contados nas pracinhas dos pequenos povoados que marcaram tradição na nossa comunicação e originaram o cordel.

Frente a isso, este trabalho vem vislumbrar as práticas discursivas de um tema cotidiano dentro de um determinado folheto do gênero. Propõe-se a analisar a imagem do negro no cordel, trata de como ele é concebido no referido gênero literário, que é a literatura do popular. Mostra como ele é hostilizado e como o preconceito está arraigado no sentimento até dos próprios pretos. Como se constrói a imagem da raça negra no cordel “A Revolta dos Pretos” do cordelista Manoel Monteiro? É visando à resposta para esta pergunta que se desenrola todo o questionamento, a pesquisa, e o embasamento deste Projeto para Conclusão de Curso.

Uma das conclusões a que se chegou durante a pesquisa é que o folheto pode ser um ótimo auxiliar paradidático para professores em sala de aula no ensino de história, sociologia, português. Como a pesquisa não pode ser abstraída de seu contexto e trabalho sem resultado não adianta, a contribuição deste trabalho está justamente na identificação da forma de trabalho de cordéis na educação.

A discussão para tal análise não pode ficar somente na estrutura cultural, assim a investigação releva pressupostos sociais antes de mais nada para compreender que relações são estabelecidas entre o discurso do autor e os discursos históricos e contemporâneos sobre o racismo.

Com vistas a isso, o método francês de análise do discurso (Doravante AD) é o escolhido por entendermos que este abarca mais princípios que possam naturalmente vislumbrar todo o cerne da discussão proposta. A Literatura de Cordel precisa ser encarada como um meio de comunicação também, até porque em sua premissa o gênero era uma forma de expressão muito abrangente já que os declamadores recitavam em praça pública e atingiam um grande público. Na atualidade, atinge também um grande público, que agora é diferente, um público letrado.

Voltando-se à temática do racismo, a conclusão é que a discriminação racial precisa ser amplamente discutida e o contexto deve ser combatido. Por isso, a pesquisa busca formas

e estratégias de delinear a imagem do negro no cordel. Diante disso, precisamos nos ancorar nas bases da comunicação para analisar esse produto cultural e midiático também. Essa pesquisa busca apoio nos pressupostos da Escola de Frankfurt para entender algumas relações sociais. Essas relações também terão base nos estudos de Michel Foucault e Bourdieu.

Linguisticamente, a análise visita as idéias de Bakthin e Marcos Bagno. Os textos de Ruben Alves e Bauhman também foram estudados para entender a multipluralidade da cultura, e a sua massificação enquanto produto industrial, mudança visível no cordel. Os conceitos de racismo, imprescindíveis na discussão, serão um misto de discursos em que aplicaremos ao discurso analisado a fim de identificar, através da análise do discurso, semelhanças e disparidades entre tais discursos.

2. A LITERATURA DE CORDEL

Segundo o jornalista Crispiniano Neto, a Literatura de Cordel se firmou nos séculos posteriores à invenção da imprensa moderna por Gutenberg. Nos versos do poeta Pedro Rima, vemos claramente a relação entre os dois elementos:

Ah, se não fosse o Cordel
 No varal dependurado
 Pra secar tinta mais rápido
 Papel jornal amarelado
 Do verbo oral até a escrita
 Outra edição se edita
 Do poeta encantado

A formação do cordel enfrentava desvios ideográficos que o levavam puramente ao teor musical nos outros países, até por conta da veiculação dos folhetos depois da passagem pelo crivo da Santa Inquisição, que os deixava puramente formais, carentes de ideologia ou discurso, assim como o é a poesia parnasiana. Tratavam de qualquer tema e não tinham uma composição plenamente literária. Porém, no Brasil, particularmente na Serra do Teixeira e no Vale do Pajeú, o ritmo encontrou um formato e assuntos da época em que o Nordeste era o centro econômico do país. O fenômeno da literatura de cordel evidencia a força da transmissão oral ainda em voga nos dias atuais, e carrega consigo estruturas e temas advindos das narrativas medievais.

Como assinala Joseph Luyten, qualquer expressão cultural na nossa região tem algum elo direto com a Literatura de cordel, que se formou numa escola poética bem sistematizada, com regras bem definidas e fundamental influência e regência dos bens culturais do nordestino. Definitivamente, ela nunca foi uma mera expressão folclórica, mas transformou-se num meio cultural do povo.

Já está em pauta a discussão sobre o reconhecimento do Cordel e do Repente como Patrimônio Cultural e Imaterial do Brasil, mas ainda é preciso afirmar a poesia como escola literária brasileira na prática cotidiana das artes, da educação e da ação cultural como um todo, em nome da identidade e da diversidade cultural brasileira. O trabalho pedagógico com os folhetos em sala de aula resulta num bom sinal de que eles ainda serão valorizados tais como obras de Jorge Amado ou Machado de Assis, só para citar dois bons exemplos.

3. O NEGRO NO CORDEL

A presença do negro na literatura brasileira não escapa ao tratamento marginalizador que, desde as instâncias fundadoras, marca a etnia no processo de construção da nossa sociedade. Isso pode ocorrer porque o cidadão de origem negra, no Brasil, tem geralmente uma posição econômica e social desfavorável. De acordo com dados do Censo 2010 do IBGE, 97 milhões de pessoas se declararam negras. Muitos indicadores apontam que a população negra ainda é menos favorecida que a branca em nosso país, a exemplo do número de filhos de casais negros, do modo da mortalidade e das condições de habitação, além, claro, da renda mensal das famílias. Logo, essa hipótese está pautada na ideia de que é o Cordel um tipo de Literatura popular e de que a maioria da população negra nacional não tem acesso à Literatura dita de elite.

Contudo e naturalmente, essa ideia por si só não tem sustentação para evidenciar e assegurar que o negro está diretamente relacionado com o Cordel devido aos dois, raça e tipo, ocuparem espaços populares na nossa sociedade, mas pode ser um bom ponto de partida para compreender o ponto de encontro entre a classe e a literatura supracitadas.

Sendo mais específico e tratando do cordel, compreendemos que a representação do preto no gênero é quase sempre pejorativa. A partir de uma pesquisa de catalogação dos folhetos para avaliar a aparição do negro, constatou-se essa prerrogativa, pois de 62 livretos pesquisados, 60 traziam esta perspectiva. O levantamento foi feito na biblioteca Átila de Almeida, da UEPB, maior acervo de cordéis da América Latina.

A maioria deles atrela a figura do negro a um ser inferior ligado a corrente do mal. Sempre se apresenta como monstros e são geralmente apelidados de ‘cão’. O papel social deles dentro do texto, quando não é maligno, vilão, é cômico e serve de chacota, tem a história contada de forma miserável para divertir a nobreza branca.

4. O NEGRO DE MANOEL MONTEIRO

A poesia do poeta Manoel Monteiro vem sendo analisada em diversas áreas do campo acadêmico e todos os estudos apontam o que já vem constatado na partida inicial desse estudo. A sua obra é de importância notória e demanda uma visão acadêmica específica para si.

A literatura de Cordel anda mesmo em evidência, não há como negar. No São João do ano passado ela foi tema de quase tudo voltado ao clima junino. A telenovela “Cordel Encantado” da Rede Globo também chamou a atenção para esse gênero que parece ter tido uma longa temporada às escuras.

“Estamos vivendo o Iluminismo do cordel.” As palavras do poeta Tião Lima sintetizam o momento contemplado pelos amantes e pelos novos admiradores dessa poesia. No Parque do Povo o Recanto da Poesia reserva um local só para si; no XV Salão do Artesanato tudo era trabalhado e pensando tendo como tema o cordel; as propagandas televisivas esbanjaram cordel nos dizeres rimados, nos desenhos xilogravados, notadamente as de bebidas alcoólicas.

Ou seja, o cordel está passando por um fomento de produção que provoca o surgimento de novos autores e consegue atingir um número maior de pessoas. Contudo, essa apresentação do gênero como algo novo concorre numa concepção moderna, por assim dizer, do que é a Literatura de Cordel. Os poetas estão escrevendo de forma bem diferente dos antigos folhetos expostos pendurados nos cordéis.

Outrossim, identificar o discurso do maior escritor do gênero, num momento em que a literatura de cordel vive um período particularmente espetacular, sobre um tema tão polêmico e tão atual deve ser considerada uma decisão inteligente. Aliás, o cordel é sim um meio de comunicação e, enquanto tal, tem um papel importante na formação da opinião pública, ainda mais, quando tratando do racismo.

O próprio Manoel confirmou que a proposta dos seus cordéis que envolvem o racismo tendem a observá-lo de forma a desconstruir a repulsa e o preconceito histórico. De acordo com ele¹: “A minha poesia expõe uma intenção social de desconstrução do estigma preconceituoso contra a raça negra, de quebra do estereótipo do negro nojento que o cordel sempre apresentou”.

Partindo da definição social de para a ordem do discurso, vamos perceber algumas controvérsias já desde o início da literatura escrita pelo poeta, pois como assinalam os teóricos

¹ Informação verbal colhida em entrevista concedida pelo escritor ao autor no dia 20/05/2012.

o texto é essa “*multiplicidade de vozes e de consciências independentes*” (BAKHTIN, 1981, p. 02).

O primeiro contato com o objeto analisado já nos revela um forte indício de marcação de uma produção textual que incorpora o discurso social de referência a um negro do caminho errado. O título do cordel é “A revolta dos pretos” e, embora até defenda a causa deles, veremos isso mais à frente, já carrega consigo uma palavra com carga forte de negativismo, pois “revolta” quer dizer algo fora da ordem. Logo, a ordem seria manter os pretos sempre aprisionados. Revolta também significa perturbação moral, náusea e até repulsa.

Quando o autor fala: “dos pretos”, está determinando que toda a classe se encontrou revoltada em algum momento e aciona em nossa mente a ideia de que os pretos fazem parte do mesmo clã, todos eles, sem relevar que muitos negros eram inclusive donos de escravos e, portanto, pertencentes a outra classe, algo parecido com o que temos hoje em dia: nem todo preto é de condição desfavorecida. Analisando por outro ângulo, o próprio fato de dizer “nem todo preto é pobre”, já demonstra um posicionamento favorável à compreensão de que o negro não pobre é exceção.

A análise do discurso, como se apresenta, analisa todos os fatos circundantes ao discurso, que é a prática social de produção de textos. Assim, deve-se analisar todos os fatores externos e internos ao texto. Logo, podemos fazer uma rápida leitura da xilogravura que aparece na capa. A figura destoa um pouco do texto, pois se é revolta, pressupõe-se que eles estejam se libertando e não algemados. Uma imagem de negros juntos protestando traria à tona a questão da luta social, evidenciando o movimento da classe. Com o policial conduzindo um negro preso, temos a ideia de que ele é um infrator, em um caso isolado e que a repressão seja mesmo sadia.

Nos primeiros versos do poema identificamos o reforço a um estereótipo construído em relação ao preto.

O nosso Brasil é REI
 Em mulher e futebol,
 Praia, carnaval e sol,
 Ferro, madeira de lei
 Tanto disso me orgulhei
 Quanto fico insatisfeito
 Quando o país é eleito
 REI da desonestidade

CASTRADOR da liberdade
CAMPEÃO do preconceito

A estrofe começa fazendo alusão à mulher e ao futebol, praia carnaval e sol. Essa combinação naturalmente é a que construímos para vender ao mundo todo, como exemplo de alegria e de diversão o nosso país para fomentar o turismo. Contudo, a imagem que se constrói sobre o Brasil em torno disso não é das mais desejáveis, pois esses quesitos são atrelados à ideia do ócio, da “falta do que fazer”, da “vagabundagem”.

Se olharmos mais atentamente entendemos que o futebol abriga, em sua maioria, jovens negros vindos de periferias urbanas que não têm outra opção a não ser o esporte como forma de melhoria na qualidade de vida. No caso do carnaval, sabemos que a festa nasce no país originalmente organizada pelos subúrbios cariocas, que abrigam muitos negros de famílias de baixa renda. Outrossim, a mulher negra é interpretada como produto de consumo do turismo sexual, já que não lhe resta outra opção, frente às dificuldades de educação, emprego, saúde, segurança.

É notório que a intenção do poeta é uma suposta valorização do negro e desmistificação do paradigma negativo que a imagem afrodescendente adquiriu com o passar do tempo. O próprio Manoel Monteiro disse em entrevista que pretende reformar a visão social do negro na sociedade de um modo geral e dentro do Cordel, onde esta imagem é notadamente pejorativa.

Isto não se discute, mas queremos mostrar que mesmo quando o discurso é a favor, as práticas e experiências sociais de quem o faz transformam este discurso. A mensagem final é a pretendida, mas em alguns pontos esta influência que citamos vai fazer com que o autor se contradiga.

A proposta da poesia já é contrariada logo no título, na capa e na primeira estrofe. Isto aconteceu porque a própria atmosfera do autor restringe a sua interpretação da raça e só o faz ver o preto como revoltoso, detento e diretamente relacionado à cultura do futebol, do carnaval, da praia, algo não ligado ao trabalho, tido como digno pela sociedade. Porque apesar de futebol ser trabalho, a sociedade não enxerga inteiramente desta forma.

Na segunda estrofe é reforçada uma visão do preto pobre. Sem se dar conta ele parte da ideia de que necessariamente é o negro que vai preso, mas que em alguns casos o branco também vai, o que seria a exceção, mas que quando é preso é por roubo desfalque, algo ligado a grandes roubos. Já o roubo do negro é sempre pequeno porque ele é majoritariamente pobre

na visão incorporada involuntariamente pelo escritor. A terceira estrofe dá continuidade a esta perspectiva.

Manoel Monteiro termina a estrofe dizendo “já pobre roubando asneira vai em cana e não se solta”. Um estudo do Instituto Brasileiro de Geografia Estatística (IBGE) comprova que essa concepção de que a cor influencia em decisões judiciais pode ter fundamento. Segundo a pesquisa, 63,7% das pessoas entrevistadas acreditam que a raça pode influenciar.

A influência na justiça foi a segunda mais citada pelos entrevistados, cerca de 70%. Nós falamos sobre a questão do trabalho, que não é muito relacionada à imagem do negro e a pesquisa, de 2010, mostra que as pessoas acham que é nessa esfera que a raça mais sofre restrição, sendo citada por 71% dos entrevistados. O convívio social, a escola e as repartições públicas também são citados como pontos em que a cor da pele faz diferença. O distrito Federal é o local em que as pessoas mais acreditam nesta influência. A Paraíba é o estado onde as pessoas mais entendem que a raça é ponto preponderante na hora do casamento, 49,5% dos paraibanos entrevistados disseram isto.

Com relação ao trabalho, os versos de Manoel Monteiro retratam essa diferenciação em relação aos postos de trabalho ocupados em função da cor. Em uma estrofe, isso é mostrado com indignação pelo poeta.

O salário que se paga
 Ao preto é bem menor
 Mesmo ele sendo melhor
 Na ocupação da vaga,
 A competência se apaga
 Pela discriminação
 Pagar a mesma função
 Pelo mesmo preço, eu sei,
 É isto que diz a Lei
 Só não a cumpre o patrão.

Olhando mais detidamente é possível encontrar novamente um discurso racista, por mais que se proponha não sê-lo. O termo ‘mesmo’ marca a ideia da exceção e quando empregado no verso significa dizer que o preto é, geralmente, inferior e que às vezes pode ser melhor. É isto o que, querendo ou não, o autor acaba dizendo da forma que construiu a

sentença e é involuntário como está impregnada na mente dele a sutil concepção de que o preto é, via de regra, pior.

Na estrofe seguinte, o autor denuncia o preconceito existente através da metáfora da senzala, fazendo uma analogia demonstrando que ainda hoje as relações de poder se perpetuam entre negros e brancos em que os primeiros são subjugados pelos segundos.

Sendo mulher, preta e pobre
 Na cozinha dos burgueses
 Ganha menos muitas vezes
 Embora o trabalho dobre,
 Olhando bem se descobre
 Uma verdade que abala
 Branco rico está na sala
 Com todas as mordomias
 Enquanto que as minorias
 Continuam na senzala.

Essa relação fica claramente exposta nos dualismos negro X cozinha e branco X sala. É possível perceber a estrutura social dos engenhos da época do Brasil colonial nos dias atuais, de uma forma modernizada, claro, mas ideologicamente semelhante em todos os pontos. Fazendo uma analogia entre o Brasil Colonial e o século XXI vemos que o poeta também mostra historicamente as relações semelhantes na vida dos negros em um e outro período.

A servidão continua
 Hoje bem mais ampliada
 A Mãe Preta é renegada
 Preto Velho ganha a rua
 Expondo a miséria sua
 Na condição de mendigo,
 Faz das marquises abrigo
 De trapos forro de cama
 Preto e pobre vive o drama
 Que viveu no tempo antigo.

Os versos retratam o que aconteceu quando os escravos foram libertados, que não tinham para onde ir nem como sobreviver e precisaram se amontoar em moradias inóspitas de periferias e subúrbios da época. Hoje era como se acontecesse a mesma coisa de uma forma diferente. Ele parte do pressuposto de que o negro pode ser preso e sai da cadeia sem ter acesso a moradia.

A imagem da mulher negra também remete ao trabalho dito indigno e à sexualidade. Como dito no começo, as referências que se fazem do homem negro são diretamente ao vagabundismo ou do trabalho inferior e da mulher negra, ao lado sexual.

Isso se mantém vivo nas estrofes que externam a insatisfação do autor com relação à serva usada na cama pelos antigos senhores de engenho. É como se hoje houvesse uma atualização da situação e a negra passou a ser objeto sexual do turismo e mesmo dos patrões da contemporaneidade. Há uma ambiguidade com efeito de fazer pensar sobre as situações de servir na cama e ser servida na cama.

É dever da empregada
 Dar banho em cachorro e gato
 Lavar pano, lavar prato
 W.C., copa e calçada
 Manter a casa arrumada
 Pilotar forno e fogão
 É só fazer a refeição
 Depois da última pessoa
 Levar o chá da patroa
 Servir na cama ao patrão.

Fica claro que a mulher negra é destinada a tomar conta do serviço doméstico, antes nas casas grandes e hoje nos apartamentos residenciais. Ela fica renegada a se sujeitar a trabalhos inóspitos, até o sexo, devido à sua condição social. Em linhas gerais, é a analogia entre um e outro período rememoram a história e as transformações ou remodelações da sociedade. E a comunicação, neste caso o cordel, é responsável por rememorar isto.

Essas observações feitas no poema foram intencionais, mas em um dado momento é possível perceber que o autor deixa escapar uma impressão pessoal que ratifica a imagem que ele mostra reclamando da sociedade por isto. Ele critica por a mulher ser usada, mas já entende como natural isto. Veja:

Quando há uma confusão
 Que a polícia aparece
 Preto e puta logo desce
 Pra os fundos do camburão,
 Vai tudo para prisão
 De mão pra trás, algemado,
 No Distrito é processado
 Pra ver que a Lei tem poder...
 Depois é que vai se ver
 Quem é ou não o culpado.

É possível ver que o poeta imagina que em uma confusão o preto estará acompanhado por prostituta, involuntariamente é o que se diz, ou mesmo que a prostituta é negra. Além disso, fala-se novamente a diferenciação quanto ao termo justiça. O próprio escritor acredita que a raça tem papel peremptório no momento das decisões judiciais.

Em suma, o que o poeta retrata não é mais do que a própria sociedade reflete de uma forma velada. No entanto, a maioria das pessoas reconhece que ainda existe este preconceito. Isto ficou comprovado através dos números da pesquisa.

Os versos que se seguem na composição poética vão desembocar em uma crítica maciça à cultura empregada na sociedade de preconceito para com o negro, pois retratam situações cotidianas em que o preto é ostensivamente reprimido pelo fato de ser negro. Neste ponto, o autor usa o recurso de narrar o que acontece como sendo um discurso, mas em tom de ironia para jogar o leitor contra o que se está dizendo.

Preocupado com as situações e torcendo para que a sociedade não haja desta forma, Manoel Monteiro cita minuciosamente como o afrodescendente é rechaçado pelo branco. É um artifício para fazer quem ler para e refletir sobre a prática comum social contra o negro e observar que em atitudes corriqueiras, interpretadas como padrão, há sempre um fundo de intencionalidade de repressão, por mais que esta intenção não seja proposital.

É neste momento que se apresenta solidamente o desejo de mostrar que está errado por parte do autor, mas como foi dito anteriormente, em um ou outro momento ele se perde na construção e acaba deixando transparecer um pequeno indício de que sua mente ainda está ligada aos discursos da época em que o negro definitivamente não era sequer enxergado como humano. Quando é dito “o suspeito principal vai ser ele certamente e mesmo sendo inocente

será difícil provar...” vemos um discurso barrista. O primeiro verso revela algo que não é o que autor pensa, mas é dito porque ele entende que a sociedade pensa assim, apesar de ele não concordar. Contudo, no segundo verso (e mesmo sendo inocente), o termo ‘mesmo’, novamente empregado e observado, transparece que Manoel parte da ideia de que geralmente ele é o culpado e quando não é, torna-se a exceção.

Talvez até esta pesquisa deixe transparecer um pouco de discursos do tipo, pois não estamos inteiramente desligados do que resguarda nossa mente. Não é de um todo possível abstrair a mente do objeto de pesquisa, estamos todos conectados. O que se pretende não é achar cada detalhe e pecado do escritor para apontá-lo como falso moralista ou que foge ao que propaga, mas apenas identificar como o mesmo querendo dizer uma coisa, nossas experiências nos fazem demonstrar outra. O objetivo central é avaliar as modificações na sociedade e na comunicação (raça e literatura).

Em duas estrofes em que se fala sobre as pinturas religiosas, o autor mostra como a ideia da beleza é ligada à pele alva e sobre o pedido do papa para pintar um santo bonito. Claro que essa é a forma engraçada e peculiar da narrativa nordestina, mas essa frase traz um pouco de história, já que a Igreja também tinha escravos na Idade Média. Assim, a própria Igreja Católica foi durante muito tempo propagador da segregação das raças. Mas à frente, ele endossa essa ideia da Igreja atrelada à escravidão.

No porão dos bucaneiros
 Traficantes desumanos
 Importavam os africanos
 Pra vender aos brasileiros,
 Escravagistas grosseiros
 Pela igreja apoiados,
 Tantos anos são passados
 E nada mudou, descobres
 Visto que pretos pobres
 Continuam escravizados.

Manoel Monteiro contesta a premissa do racismo e com propriedade indaga a origem das práticas discriminatórias em alguns versos:

Não sei quem deu a notícia

Se foi Decreto ou Despacho
 Que ruim está embaixo
 Em cima só tem beleza,
 Disse que branco é pureza
 Cão catinga à carbureto,
 Tem chifre, cauda e espeto
 Cospe fogo da carranca
 Anjo adora roupa branca
 Diabo só veste preto.

Para que não se perca o foco, é bom lembrar que o objetivo é mostrar a transformação na comunicação, através das modificações dos discursos sociais que se encontram dentro da literatura de cordel, meio tipicamente nordestino de comunicação. O próprio meio mudou muito, já não tem mais xilogravura, os temas se modernizaram e os próprios poetas são outros, menos amatutados e mais urbanizados, exigências contemporâneas.

À luz do cordel, estamos mostrando um tema tão recorrente na sociedade que é o racismo. O resultado final deste trabalho visa ao aperfeiçoamento da comunicação literária, um produto que se dispõe a ser um auxiliar paradidático para professores em sala de aula, já que comunicação é conhecimento. Os professores podem utilizar de forma dinâmica os folhetos que falam sobre a discriminação em sala para tratar a própria história. Contudo, estamos vendo que algumas práticas preconceituosas se apresentam no texto em função da análise do discurso bruto. Avaliando o todo, é inteiramente possível perceber a intenção de quebra de paradigmas do autor.

Em alguns momentos a palavra ‘branco’ aparece nos textos escrita em caixa alta, demonstrando uma valorização da raça humana branca. O poeta conclui que a escravidão não acabou na assinatura da Lei Áurea, mas se perpetua na atualidade com a sentença que historicamente pesa sobre qualquer descendente dos escravos africanos, que é o próprio fato de ser negro.

A própria vida condena
 Pobre e preto o tempo inteiro
 Porque viver sem dinheiro
 Não é sentença pequena,
 Quando preso cumpre a pena

Até o último instante,
Com ou sem atenuante
Não tem pra onde fugir
Só o fato de existir
Já pesa como agravante.

Em suma, a análise como análise do discurso pura e legítima pressupõe, se prestou a identificar os aspectos da realidade sociocultural e política em que o poeta escreveu o texto para provar que mesmo a proposta protecionista consegue carregar tons denunciativos. A ideia não é recriminar o que se expressa feito no cordel de Manoel Monteiro, mas mostrar estes aspectos tão somente. A obra é louvável e a proposta mais ainda. Por esse motivo, o referido trabalho faz indicação de trabalho do cordel em sala de aula como forma de transcender as discussões travadas na educação, que foram engessadas pelo modelo clássico. O cordel A Revolta dos Pretos pode ser um ótimo auxiliar para tratar da discriminação com alunos.

5. CORDEL NA SALA DE AULA

A literatura de cordel está diretamente relacionada à linguagem oral e por isso tem marcas da oralidade que lhe dão um aspecto dinâmico na comunicação. Isso faz tornar atrativa a informação repassada em forma de cordel e os professores enxergam no gênero um auxiliar paradidático que pode fazer a diferença no aprendizado do aluno.

A pretensão não é apontar estratégias ou receitas sobre como usar o cordel em sala de aula, mas já que o trabalho parte da comunicação, analisar a comunicabilidade do gênero utilizando o seu emprego em sala de aula. A apropriação de alguns textos que fazem parte da realidade dos alunos pode configurar uma possibilidade metodológica de despertar o interesse pelos assuntos.

O grande desafio da educação nos dias atuais tem sido prender a atenção do aluno de forma focada sobre os assuntos debatidos que realmente são necessários à formação de qualquer estudante. Isso está acontecendo porque os estudantes têm muita informação nas mais variadas formas de apresentação. Nesse contexto, o cordel pode se transformar em um instrumento valioso de manutenção do desejo de aprender.

Além do gênero, que tem um jeito peculiar de ensinar, os assuntos tratados na contemporaneidade no cordel são propriamente os tratados dentro das salas de aula, como é o caso do racismo abordado em A Revolta dos Pretos. Para além dos assuntos pertinentes, o cordel é produto popular voltado para o Nordeste e tem muito a ensinar sobre a cultura nordestina para os alunos. Os assuntos podem ser abordados de forma mais reflexiva, associando o passado a determinados conceitos do presente, o que aumenta inclusive a capacidade de analogias entre produtos originalmente distintos.

A interação entre professores e alunos se torna mais satisfatória com artigos que promovam a aproximação social entre essas duas entidades. As pesquisas construtivistas apontam para essa nova metodologia e isso faz nos remetermos ao cordel enxergando como um produto cultural que faz parte da história e do meio de todos e que por sua musicalidade e naturalidade faz o estudante buscar a informação com maior prazer.

A ferramenta lúdica é favorável à construção do conhecimento histórico do aprendizado, mas alguns pontos são preponderantes no momento de trabalhar o cordel em sala de aula, como abordagem, a construção dos argumentos, o grau de conhecimento sobre o assunto a ser ensinado e a condução de temas como o racismo.

“Trabalhar o mais coletivamente possível, buscar pares na escola que queiram enfrentar o desafio de visitar e reaprender a história, a cultura, a literatura brasileira sob a perspectiva da população negra como sujeito, pode ser uma maneira competente e facilitadora na construção de conteúdos e metodologias mais adequados às diferentes faixas de idades e níveis de ensino.” (LUYTEN, 1984).

Retratando a temática do racismo, mais particularmente, entende-se que o cordel também pode servir para o combate a qualquer tipo de preconceito racial. Associando ao nível escolar, os ensinamentos do emprego do cordel na educação básica trazem além do conhecimento sobre a história, a cultura nordestina e a linguagem diferenciada, a valorização ao ser humano se relativizarmos cordéis como A Revolta dos Pretos.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Do que foi apresentado neste estudo, pode-se depreender algumas informações relevantes. A Literatura de Cordel se tingiu de uma tonalidade político-social, eixo temático este que aborda os problemas vividos pelos africanos e seus descendentes na luta por sobrevivência em tempos e lugares onde o preconceito e a discriminação continuam a subjugar.

Uma leitura geral que se faz é que o gênero cordel acompanhou a história em seus ciclos sociais e incorporou o discurso racista na época em que a escravidão era realidade e que, assim como a sociedade, passou por transformações e hoje retrata uma imagem positiva do negro e tenta derrubar os estereótipos criados para esta raça. Entretanto, a análise do discurso provou que mesmo o texto de Manoel Monteiro tendo isto como pauta, ainda apresentou alguns traços do preconceito arraigado no cerne da sociedade.

De todo modo, a conclusão positiva que se faz é que este Cordel que se fez crítico da realidade do homem africano e afro-brasileiro, expropriado física e intelectualmente no discurso histórico brasileiro, também pode ter uma outra nova conotação: servir como suporte no aprendizado de sua história e de si mesmo.

Na elaboração historiográfica do cordel *A revolta dos pretos*, de Manoel Monteiro, encontramos exemplo dessa crítica própria do Cordel praticado na atualidade, de forma que ele não apenas escolariza-nos, mas também se faz reformador social, formando as consciências críticas das gerações que virão a lê-lo. Um excelente recurso a ser trabalhado nas aulas de história.

REFERÊNCIAS

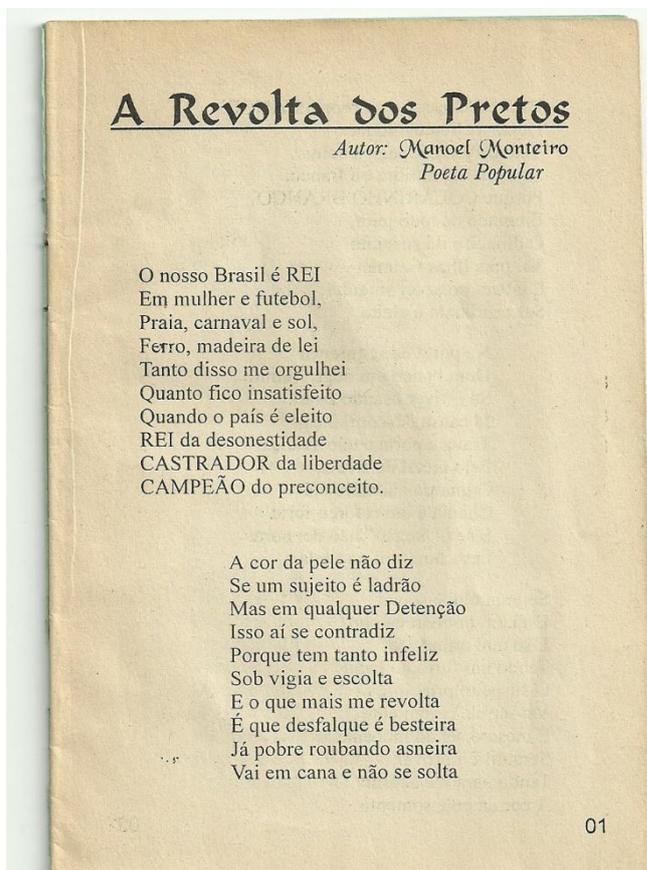
FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 7. ed. São Paulo: Loyola, 2001.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico**. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

BORDIEAU, Pierre. **As Regras da Arte: gênese e estrutura do campo literário**. Lisboa: Presença, 1996.

LUYTEN, Joseph. **O que é Literatura Popular**. 2^a ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.

ANEXOS



BRANCO assalta o próprio BANCO
Deixa a clientela tonta
Vem o PROER paga a conta
Seja em dolar, libra ou franco
Porque COLARINHO BRANCO
É branco de todo jeito,
O dinheiro do suspeito
Vai pras Ilhas Caiman
E é bem possível amanhã
Ser candidato e eleito.

Na porta de segurança
Dum banco um negro retinto
Se estiver usando cinto
Já causa desconfiança,
Trava a porta e não avança
Pelo metal da fivela,
O guarda não abre ela
Chama é um reforço forte
E se o "negão" não der sorte
Leva uma tiro na titela.

Se num clube social
Está um homem de cor
E se mal trajado for
Tendo um furto no local
O suspeito principal
Vai ser ele certamente
E mesmo sendo inocente
Será difícil provar
Tendo para lhe acusar
A cor da pele somente

02

BRANCO rico, condenado
Vai descansar na cadeia,
Tem almoço, janta e ceia
E um celular de lado,
Só pode ser perturbado
Se for por oficial,
Tem livro, TV, jornal,
Água fresca e vida mansa
E pra lhe dar segurança
Na porta um policial.

Preto e pobre é sem Direito
À habeas-corpus, sursi
E ver pesar sobre si
A "culpa" de ser suspeito,
Pela imprensa é eleito
Perigoso e violento
Fica num confinamento
Que cabe 10, tem 50,
Todo dia a pena aumenta
Sem o seu conhecimento.

Quando há uma confusão
Que a polícia aparece
Preto e puta logo desce
Pra os fundos do camburão,
Vai tudo para prisão
De mão pra trás, algemado,
No Distrito é processado
Pra ver que a Lei tem poder...
Depois é que vai se ver
Quem é ou não o culpado.

03

O salário que se paga
Ao preto é bem menor
Mesmo ele sendo melhor
Na ocupação da vaga,
A competência se apaga
Pela discriminação,
Pagar a mesma função
Pelo mesmo preço, eu sei,
É isto que diz a Lei
Só não a cumpre o patrão.

Sendo mulher, preta e pobre,
Na cozinha dos burgueses
Ganha menos muitas vezes
Embora o trabalho dobre,
Olhando bem se descobre
Uma verdade que abala
BRANCO rico está na sala
Com todas as mordomias
Enquanto que as minorias
Continuam na senzala.

É dever da empregada
Dar banho em cachorro e gato,
Lavar pano, lavar prato,
W.C., Copa e calçada,
Manter a casa arrumada
Pilotar forno e fogão
E só fazer refeição
Depois da última pessoa
Levar o chá da patroa
Servir licor ao patrão.

04

Leonardo e Rafael
Pintores renascentistas
Dois dos maiores artistas
Da escultura e pincel
Fizeram cópia fiel
Dos nossos santos e nos
Que retrataram Jesus
Ele sempre foi pintado
Com o nariz afilado,
Pele clara, olhos azuis.

Nenhum dos dois retratou
Um santo preto, ou mestiço,
Talvez não fizeram isso
Porque quem encomendou
Foi o Papa e avisou
Quero meu santo bonito,
Pessoalmente acredito
Que foi só pra tapear
Que eles mandaram pintar
O preto São Benedito.

Não sei quem deu a notícia
Se foi Decreto ou Despacho
Que ruim está embaixo
Em cima só tem beleza,
Disse que BRANCO é pureza
Cão catinga à carbureto,
Tem chifre, cauda e espeto
Cospe fogo da carranca,
Anjo adora roupa branca
Diabo só veste preto.

05

Moreno, zambo, mestiço,
Gazo, ruzagá, mulato,
BRANCO, preto e correlato
O Brasil é feito disso,
Soma os ritos do feitiço
Com os do cristianismo,
Todo esse sincretismo
Por negro e índio é formado
Quem é tão miscigenado
Não pode ter elitismo.

A mulata Aparecida
Nossa santa padroeira
Foi achada (?) Na ribeira
Do Paraíba, perdida,
Penso que essa saída
Foi coisa de interesseiros
Para conquistar obreiros
E não destoar na missa
Arranjaram uma mestiça
Pra ser mãe dos brasileiros

A servidão continua
Hoje bem mais ampliada
A Mãe Preta é renegada
Preto Velho ganha a rua
Expondo a miséria sua
Na condição de mendigo,
Faz das marquises abrigo
De trapos forro de cama
Preto e pobre vive o drama
Que viveu no tempo antigo.

06

No porão dos bucaneiros
Traficantes desumanos
Importavam os africanos
Pra vender aos brasileiros,
Escravagistas grosseiros
Pela igreja apoiados,
Tantos são passados
E nada mudou, descobres,
Inda hoje preto e pobres
Continuam escravizados.

A própria vida condena
Pobre e preto o tempo inteiro
Porque viver sem dinheiro
Não é sentença pequena,
Quando preso cumpre a pena
Até o último instante,
Com ou sem atenuante
Não tem pra onde fugir
Só o fato de existir
Já pesa como agravante.

Tem gente que o destino
Gosta de infernizar
Desses costume citar
O "Homem" que fala fino
Anda em passo pequenino
Com as cadeiras gingando
Parece que está voando
Com os braços levantados,
Mão caída, olhos virados
Como quem está rezando.

07

Só veste calça apertada
Para mostrar os quadris.
Usa baton, base e diz
Que soutien lhe agrada
Mantém a unha pintada
Adora um cílio postiço,
Eu mesmo não gosto disso
Mas se o sujeito quer
Fazer papel de mulher
Ninguém tem nada com isso.

Tem velho gordo e careca
De barba espessa e bigode
Desses que a gente não pode
Suspeitar que desmunheca
Mas se ver uma "boneca"
Senta em cima, deita e rola,
No restante se controla,
Fala grosso, não se trai
É bom esposo e bom pai
E ao mesmo tempo é boiola.

Não é de hoje que tem
Gente dessa qualidade
Na remota antiguidade
Já tinha disso também
Muita família de bem
Participa dessa casta
A congregação é vasta
Tem nome que admira:
Fresco, veado, gobira,
Bicha, fruta e pederasta.

08

Estes classificativos
Postos nos efeminados
Não deviam ser usados
Porque são pejorativos,
Muitos deles são ativos,
Francos, leais, diligentes,
Esforçados, competentes,
Artistas reconhecidos
Infelizmente excluídos
Só porque são diferentes.

Nas vielas da cidade
No luxo dos lupanares,
Nos motéis, praias e bares
Mocinhas de pouca idade
Saidas da puberdade
Se expõem a todo momento
A chuva, ao sol, ao relento
Ainda quase meninas
Vendendo amor nas esquinas
Para comprar alimento.

Putá pobre é infeliz
Putá rica é bela e sã
Com tutu é cortezã
Sem dinheiro é meretriz
Mesmo sendo igual se diz
Que é diferenciada
Se na TV é mostrada
Encenando a mesma trama
Uma é "moça de programa"
A outra bate calçado.

09

Sem um raio de esperança
A clarear a penumbra
Seu destino não vislumbra
Nem um sinal de mudança,
Sofrendo desde criança
A chaga do preconceito
Já que não tem outro jeito
Camufla bem seu desgosto
Com um sorriso no rosto
E um soluço no peito.

Na noite escura e gelada
Pisando a calçada fria
Oferecendo alegria
Por uma nota rasgada,
A maquilagem manchada
Pela lágrima que rola
O sem futuro estiola
O sangue das suas veias
Afoga as mágoas alheias
As suas ninguém consola.

Por isso mesmo há quem diga
O que tem um certo nexo
Ser o comércio do sexo
A profissão mais antiga,
Sendo assim, ser rapariga
É profissão pioneira,
Defendendo uma rameira
Jesus disse resoluto:
Quem não gostar do produto
Atire a pedra primeira.

10

MINORIAS! Vão em frente!
Façam mais do que foi feito
Sabendo que seu Direito
Ninguém lhes deu de presente,
Somando o grito da gente
Nós somos mais da metade,
Vencer a desigualdade,
Se quisermos, poderemos,
Mas só unidos faremos
Ressurgir a liberdade.

Mercantilistas do amor
Meninas que são meninos
Homens que são femininos
E os escravos da cor,
Seja do jeito que for
É gente do mesmo jeito
Têm, Dever e tem Direito
Que a Carta Mágná assegura
Respondam pois a altura
Se lhes faltarem ao respeito.

Ouçam que soa nos ares
Com a mesma intensidade
O grito de liberdade
Que ecoou nos Palmares
Ressuscitando avatares
Para prosseguir a luta
Numa busca resoluta
De dar-se aos povos cativos
DIREITOS equitativos
LIBERDADE absoluta.

11

M - ulheres, homens, crianças,
A - ltos, baixos, fracos, bravos
N - asceram iguais como são
O - s lírios, rosas e cravos
É - pois dever de nós todos
L - ibertar homens escravos.

M - esmo num país mestiço
O - branco dita a conduta
N - ão esqueçam que a luta
T - em que prosseguir por isso,
E - nquanto houver preconceito
I - mposição e motivos
R - eclamaremos altivos
O - nosso pleno DIREITO

1ª Edição: Março de 2000, 2ª Ed. Julho de 2002.
Campina Grande - Paraíba.

ATENÇÃO!

O preço deste folheto
Só ao mão de vaca assusta
Por isso não agradeça
Pergunte quanto é que custa
Porque o real que cobro
Parece-me paga justa.

12